

FICHA TÉCNICA

Título original: *Nothing Less*

Autora: *Anna Todd*

Copyright © 2016 by Anna Todd

A autora é representada por Wattpad

Edição portuguesa publicada por acordo com Gallery Books, uma divisão de Simon & Schuster, Inc.

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Cristina Carvalho*

Revisão: *Paulina Amaral e Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Susana Monteiro Rainho*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, março, 2018

Depósito legal n.º 437 238/18

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à
EDITORIAL PRESENÇA
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena
info@presenca.pt
www.presenca.pt

PRÓLOGO

O futuro não muito distante...

— Papá? — Uma voz baixa trespassa a escuridão do meu quarto. Soergo-me e acendo o candeeiro, e os meus olhos ajustam-se à luz que se espalha pelo quarto.

— Adeline? O que foi?

Sento-me, puxando o cobertor para o peito, lembrando-me de que não tenho nada vestido. Olho de relance para a minha mulher; as costas nuas estão expostas e está a dormir de barriga para baixo, esparramada, como de costume.

Uma mão pequena esfrega uns olhinhos castanhos.

— Não consigo dormir.

Alívio espalha-se por mim.

— Contaste carneirinhos?

Nos últimos tempos, a Adeline tem tido problemas a adormecer, e ando a tentar não me preocupar demasiado com isso. O médico diz que se trata apenas de ela estar a ter dificuldade em desligar a sua mente rebelde à noite, o que é um comportamento perfeitamente normal para a idade que tem.

A Adeline acena que sim.

— E póneis. Também contei póneis. Um azul, um vermelho e um amarelo resmungão.

Faço um esforço para não rir.

— Um pónei amarelo *resmungão*?

— Sim. Roubou o biscoito do azul.

A mãe da minha pequenina remexe-se, mas não acorda. Aconchego-lhe o cobertor sobre as costas nuas, não vá ela decidir voltar-se.

Fixo a minha filha, cujos olhos são iguais aos meus, e não consigo ocultar o quanto me diverte a sua imaginação inventiva. É supercriativa

para a idade, sempre a contar histórias de duendes e princesas e de criaturas fantásticas.

Com um sorriso, estendo a minha mão para a dela, e ela, passando o ursinho de peluche para o outro braço, dá-me a mão. O pobre do urso está quase a desfazer-se. Exceção feita à escola, a minha filha não vai para lado nenhum sem ele, e há dias em que, quando chego à escola, dou de caras com o boneco felpudo na sacola dos meus documentos.

— Que tal vires comigo à cozinha e contares-me o que é que aconteceu a seguir?

Ela acena que sim, e eu dou-lhe um beijinho na mão antes de ela deixar o braço cair ao lado do corpo.

— Vai andando que eu já lá vou ter, minha querida — acrescento, para poder vestir umas calças.

A Adeline lança uma olhadela à mãe e volta a olhar para mim antes de se encaminhar para a porta. Vira-se para trás.

— Podemos comer um biscoito enquanto falamos? — pergunta a minha negociadorazinha. É exatamente como eu, sempre a querer doces.

Dou uma olhadela ao relógio sobre a mesinha de cabeceira. É meia-noite e meia e ela tem escola amanhã de manhã. Dado que sou o professor dela do 1.º ano, não devia encorajá-la a comer açúcar a meio da noite...

— Diz que sim, papá...

Estou ciente de que é suposto ser responsável e de que não devia fazer vista grossa à ingestão de açúcar seis horas antes de ela ter de acordar para ir para a escola. A mãe dela vai matar-me, mas sei perfeitamente que, se fosse ela a estar no meu lugar, também cederia. Aqueles olhos castanhos enormes, e o ursinho de peluche nos braços, recordam-me que a minha filha não vai ser criança para sempre.

A Adeline aguarda, expectante.

— Tira também um para mim. Hei de chegar à cozinha quando tiveres acabado de escolher para nós *os biscoitos mais pequeninos da lata*.

A minha filha sorri, como se nunca tivesse tido a mais pequena dúvida de que eu lhe responderia que sim.

— Os *mais pequeninos*, está bem? — Sorrio-lhe.

A Adeline concorda e sai do quarto. Levanto-me e apanho as calças do chão.

— Ingénuo — diz, vinda da cama, a voz sonolenta da minha mulher. Puxo as calças para cima.

— Estás acordada? — pergunto, em voz de falsa surpresa.

Ela vira-se e eleva os braços acima da cabeça, o lençol escorregando até à cintura.

— Claro. — Um sorriso sonolento espalha-se pela cara linda.

— Cobarde — pico-a.

— Songamonga.

Tento manter o olhar na cara dela. Se me permitir admirar o peito nu da minha mulher, jamais sairei deste quarto.

Uma vez vestido, debruço-me, apoiando o joelho na beira da cama, e pressiono suavemente os lábios na testa da minha mulher. Está de olhos fechados quando volto a endireitar-me, os lábios curvados num sorriso confortável.

Saio do quarto e, quando chego à cozinha, a Adeline tem numa das mãos a patinha do ursinho de peluche e na outra um biscoito enorme.

— Esse biscoito não tem ar de ser o mais pequeno que havia na lata. — Abro o frigorífico e pego no jarro de leite.

A Adeline sorri, com a língua a espreitar por entre os dentes em falta. Está a crescer depressa de mais.

— Pensei que tinhas dito *o maior* — mente ela jocosamente.

CAPÍTULO UM

Landon

O bolo de anos da Ellen está nos meus braços, a postos para ser levado para baixo. A Nora está de pé junto à porta, a acenar adeus à Posey e à Lila. Observo-a enquanto enfia as meias com padrão de piza num par de sapatilhas brancas sem adornos.

— Estás pronta? — Pouso o bolo sobre a mesa vermelha da entrada, e a Nora acena que sim.

Tem estado silenciosa desde a nossa troca de palavras na casa de banho e, neste momento, não sei como começar uma conversa com ela. Concordei que não tentaria consertá-la, que não faria pressão para saber os seus segredos ou para a ajudar a carregar o fardo do seu passado. Ela avisou-me várias vezes de que não seria boa para mim, de que não pode ser o que preciso que ela seja.

Como é que isso pode ser verdade, se não faço a mais pálida ideia do que preciso?

Sei, apenas, que gosto da companhia dela e que quero conhecê-la. Não tenho problemas em levar as coisas nas calmas; os melhores presentes são, em regra, aqueles que levam mais tempo a desembrulhar.

Pegando no bolo, encaminhamo-nos em silêncio para o elevador e carrego no botão de chamada. O barulho da deslocação de ar do elevador a subir é o único ruído no patamar silencioso.

Quando entramos, a Nora desloca-se para o ponto mais distante da pequena cabina.

Concedo-lhe o seu espaço e procuro não a encarar enquanto ela olha para mim. Sinto os olhos dela a fitar-me, mas já percebi que, por hoje, não haverá mais conversa.

Sinto os braços vazios, apesar do bolo que seguram, como se lhes *faltasse qualquer coisa*. A Nora, talvez? A cada segundo que passo com ela, sinto-me como que a perder o controlo sobre o meu corpo.

A Nora leva os dedos à ponta da trança, e o meu olhar cruza-se com o dela. O elevador ainda não se moveu desde que entrámos. Não sou capaz de arriscar há quanto tempo estamos aqui dentro parados; dá-me a impressão de terem sido minutos, mas é possível que não tenham passado mais do que alguns segundos.

A Nora não desvia o olhar dos meus olhos, escrutinando-me, tentando destrancar qualquer coisa.

Não sou eu que tenho segredos, apetece-me dizer-lhe.

Penso na Dakota e no momento que partilhámos ontem à noite. Penso em quão envergonhado fiquei e em quão culpado me senti quando não consegui... executar. Penso no que senti quando dei de caras com a casa de banho vazia, apercebendo-me de que a minha ex se escapulira pela escada de incêndio. Ainda só passou uma noite e já estou aqui com a Nora, a desejar tornar-me íntimo *dela*.

Afinal, acho que também tenho segredos.

— Está avariado? — pergunta a Nora, e vivo uns segundos de pânico, pensando que a Nora está a referir-se ao meu pénis.

Quando percebo que está a referir-se ao elevador, dá-me vontade de rir.

— Não sei. — Volto a carregar no botão do rés do chão.

Em resposta, o elevador faz plim e a porta abre e fecha. A cabina começa a deslocar-se, e eu encolho os ombros. Tinha-me esquecido de premir o botão? Não sei.

Quando chegamos ao rés do chão, aguardo que a Nora saia do elevador primeiro. O cotovelo dela toca no meu braço, e eu afasto-me para lhe dar espaço. Tenho a sensação de ficar com a pele quente e, por momentos, dou por mim a desejar viver numa realidade diferente. Numa dimensão em que a Nora fosse minha e lhe pudesse tocar, minha para a abraçar. Nesse mundo, a Nora confiaria em mim e partilharia comigo partes dela a que mais ninguém tem acesso. Riria sem hesitação e não tentaria esconder-se.

A cada passo mudo que avanço na direção da saída do prédio, esse mundo imaginário perfeito vai desaparecendo.

— Não tenho mais nenhuma prenda para a Ellen — lembro-me, em voz alta.

A Nora vira-se para mim e abranda até eu chegar ao lado dela.

— Tenho a certeza de que este bolo caseiro e o teu tempo são prendas suficientes. — Respira fundo. — Se fosse eu, ia adorar receber uma prenda assim.

Posto isto, retoma a marcha.

Quando a Nora diz coisas como esta, a confusão inunda a minha já bastante abarrotada cabeça.

— Mas não gostas de dias de anos, não é assim? — pergunto, não à espera, mas na esperança, de uma réstia de explicação. O aniversário da Nora é para a semana, mas ela fez-me prometer que eu não faria nada para celebrar a data.

Anda a fazer com que prometa muitas coisas, ultimamente. Não a conheço há mais do que umas poucas semanas e já lhe prometi demasiado.

— Népias. — A Nora empurra a porta para a abrir, segurando-a para que eu passe.

Em vez de lhe perguntar porquê, opto por lhe contar o meu dia de aniversário preferido.

— Quando eu era mais novo, a minha mãe fazia sempre do meu aniversário uma grande ocasião. A semana inteira era, toda ela, uma celebração. Cozinhava todos os meus pratos preferidos e ficávamos todas as noites acordados até tarde.

A Nora olha para mim. Estamos agora a aproximar-nos da porta da mercearia de esquina. Passa por nós um casal, de mãos dadas, o que faz com que me pergunte se a Nora já teve alguma relação séria. Deixa-me maluco não saber nada acerca desta mulher. Tem vinte e cinco anos. Já deve ter tido namorado, a dada altura.

— Fazia sempre uns queques, que iam ao forno dentro de cones de gelado, e ia levá-los à minha escola. Pensava que este miminho levava os outros miúdos a gostar de mim, mas o resultado era eles gozarem ainda mais comigo.

Lembro-me do meu primeiro ano na escola secundária, em que ninguém da minha turma tocou, sequer, num dos bolos polvilhados feitos pela minha mãe.

Ninguém, à exceção da Dakota e do Carter. Entre nós, tentámos comer o máximo de bolos que conseguimos no caminho da escola para casa, para que a minha mãe pensasse que toda a gente da minha turma tinha adorado o miminho dela e celebrado o meu aniversário comigo.

Quando chegámos ao quarteirão onde vivíamos, ainda nos sobravam cinco. Acabámos por deixá-los sobre um toro de madeira, à entrada da Clareira, uma área de arvoredo que era morada de toxicodependentes e de pessoas a quem o azar tinha batido à porta (pessoas com estômagos vazios e vidas vazias), e agradava-nos pensar que tínhamos alimentado pelo menos cinco delas naquele dia.

— Eu teria comido um. — A Nora fita o espaço para lá de mim.

Não desenvolve o raciocínio sobre o que a leva a odiar o seu próprio dia de anos, e eu não estava à espera de que ela o fizesse. Não foi por isso que partilhei com ela um bocado do meu passado.

A Nora abre a porta da mercearia, e a pequena campainha toca. Sigo-a loja adentro, e sorrio quando a Ellen nos vê, de bolo na mão, dando o seu melhor para reprimir um sorriso.